



**A CIDADE REVELADA EM DOIS TEMPOS:  
APONTAMENTOS SOBRE A URBANIZAÇÃO DE  
CANOAS/RS A PARTIR DE REGISTROS  
FOTOGRAFICOS (1952/1978)\***

**Danielle Heberle Viegas\*\***

**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS**

[danielle.viegas@hotmail.com](mailto:danielle.viegas@hotmail.com)

**RESUMO:** Este artigo, concebido a partir de uma interlocução existente entre a *História Urbana* e a *História Visual*, busca comunicar a respeito de um estudo de caso realizado em Canoas/RS. O objetivo da investigação foi o de analisar o(s) modo(s) de apreensão da urbanização da cidade através da fotografia em dois tempos (1952/1978). O recorte temporal limitado pelos anos citados é caracterizado por intensas transformações territoriais e populacionais em Canoas, que foram registradas, entre outras produções, pelas fotografias. Em termos teórico-metodológicos, adotou-se a ideia de que a fotografia é tanto um suporte material (documento) quanto uma elaboração cultural (representação) da realidade em questão. São destaques do texto as especificidades da constituição de um trabalho com fotografias vinculadas a uma cidade metropolitana, a elucidação das diferentes temporalidades do processo de urbanização das cidades brasileiras e as possibilidades de pesquisa decorrentes do cruzamento de fontes orais e imagéticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia e História – Fotografia e Oralidade – Urbanização – Cidades metropolitanas – Canoas/RS (Brasil).

**ABSTRACT:** This paper, designed from a dialogue between the *Urban History* and *Visual History*, intends to communicate about a case study in Canoas/RS. The purpose of this investigation was to analyze the mode(s) from seizure of urbanization of the city through photography in two periods (1952/1978). The limited time frame by the mentioned years is characterized by intense changes of territory and population in Canoas, which were recorded, among other productions, for the photos. In theoretical and methodological terms, the idea adopted was that photography is both a support material (document) as a cultural elaboration (representation) of reality in question. Some highlights from the text are: the constitution of a research with photos linked to a metropolitan city, the elucidation of the different temporalities of the urbanization process of the Brazilian cities and the research possibilities arising from the intersection of oral sources and images.

---

\* Este artigo foi originalmente apresentado como requisito parcial para a aprovação na disciplina “História, Fotografia e Cultura Visual: imagens das cidades brasileiras”, ministrada pelo Prof. Dr. Charles Monteiro junto ao Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, no período 2009/1. Agradeço as contribuições e sugestões do Professor, bem como aos colegas que possibilitaram o estabelecimento de profícuos debates em sala de aula.

\*\* Doutoranda em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS. Pesquisadora associada ao Centro Universitário La Salle/UNILASALLE, na Linha de Pesquisa “Memória, Cultura e Identidade”.

**KEY-WORDS:** Photography and History – Photography and Orally – Urbanization – Metropolitan cities – Canoas/RS (Brazil).

A fotografia é o retrato de um côncavo, de  
uma falta, de uma ausência?<sup>1</sup>

Se, em algum momento, fosse possível responder ao questionamento feito pela escritora Clarice Lispector em 1964 e se confirmasse que sim – a fotografia é um retrato de uma falta –, tal réplica não estaria desacompanhada. Junto a essa declaração algumas inquietudes seriam suscitadas, entre elas a que aproxima o ato fotografar ao de pesquisar História. Em ambos os casos citados, afinal, momentos espacial e temporalmente únicos são construídos. Desde o primeiro registro ou clique, tais elaborações passam a compartilhar, ao mesmo tempo, os domínios do passado, do presente e do futuro, ao referir-se aqui às possibilidades de constituição, interpretação e expectativa pelas quais essas produções são investidas.

A partir dessas colocações iniciais, menciona-se que a relação entre Fotografia e História é investigada, na atualidade, a partir dos mais diversos feixes de interesse<sup>2</sup>, que embasam tentativas de aprimoramento epistemológico das problemáticas que decorrem do diálogo entre áreas. Tais estudos contribuem para legitimar o campo de pesquisa que se convencionou denominar, no Brasil, de **História Visual**.<sup>3</sup>

Entre as oportunidades referidas de se explorar as dinâmicas sociais e culturais a partir do uso de fotografias como fontes de pesquisa em História, o presente texto está concentrado em uma temática, em especial. É aquela que relaciona Fotografia e Cidade e, mais especificamente, Fotografia e Urbanização. Tal núcleo de estudos possui raízes fortificadas – na verdade, trata-se de uma das correntes de pesquisa mais privilegiadas

---

<sup>1</sup> LISPECTOR, Clarice. **A Paixão segundo G.H.** 6ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979, p. 27.

<sup>2</sup> Alguns exemplos são os estudos sobre Fotografia e Memória; Fotografia e Identidade; Fotografia e Etnicidade; Fotografia e Gênero; Fotografia e Acervos; Fotografia e Publicidade; Fotografia e Paisagem; Fotografia e Fotojornalismo; Fotografia e Pintura; Fotografia Documental; Fotografia e Corpo, entre outros temas.

<sup>3</sup> MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Rumo a uma história visual. In: MARTINS, J. S.; ECKERT, C.; NOVAES, S.C. (Orgs.) **O imaginário e o poético nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 2005, p. 33-56.

pela historiografia especializada em Fotografia e História, o que se afere sem dificuldade através de uma breve revisão bibliográfica.<sup>4</sup>

A principal hipótese para os estudos históricos sobre fotografia serem concentrados em assuntos relativos à categoria do urbano é a de que a proximidade entre Fotografia e Cidade não está restrita a questões disciplinares. A fotografia, ela própria, é fruto da modernidade e surgiu nos principais centros urbanos do mundo no século XIX, sendo progressivamente massificada ao longo do século XX. Sendo assim, o binômio fotografia/cidade consolidou-se como um tema de estudo ímpar, uma vez que o documento fotográfico passou a ser considerado, ao mesmo tempo, como produto e (re)produtor do fenômeno urbano.

Tal constatação fornece crédito, também, para a compreensão de uma tendência comum no próprio campo de estudos da História Urbana no Brasil, marcado pela repetição de escolhas em termos de recortes espaciais (cidades capitais) e temporais (final do século XIX e início do século XX). Essa associação exclui uma presença significativa de pesquisas a respeito de cidades formadas na segunda metade do século XX, como é o caso do município de Canoas/RS, objeto de estudo aqui priorizado.<sup>5</sup>

Mesmo a partir de um olhar que considera as inúmeras áreas do conhecimento que elegem a cidade como tema de investigação, é evidente o verdadeiro vazio apresentado quando da procura por estudos acerca de cidades metropolitanas, cuja exploração histórica usualmente se encerra em abordagens econômicas e estatísticas. Tais fatores são, sem dúvida, importantes. Merecem, entretanto, serem acompanhados e constantemente cruzados por outras perspectivas, incluindo-se aí aquelas que valorizam documentos imagéticos e orais como fontes de pesquisa.

---

<sup>4</sup> São exemplos, entre inúmeros outros, os trabalhos de: CAVENAGHI, Airtton José. São José do Rio Preto fotografado: imagética de uma experiência urbana (1852-1910). In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, n. 46, 2003, p. 147-169; MONDENARD, Anne de. A emergência de um novo olhar sobre a cidade: as fotografias urbanas de 1870 a 1918. In: **Projeto História: espaço e cultura**, n. 18, maio de 1999, p. 107-113; TURAZZI, Maria Inês. Paisagem construída: fotografia e memória dos “melhoramentos urbanos” na cidade do Rio de Janeiro. In: **Varia história**, Belo Horizonte, vol. 22, n. 35, jan-jun 2006, p. 64-78. MAUAD, Ana Maria. A inscrição na cidade: paisagem urbana nas fotografias de Marc Ferrez e Augusto Malta. In: \_\_\_\_\_. **Poses e flagrantes**. Ensaios sobre o fotográfico. Niterói: Eduff, 2008, p. 111-121.

<sup>5</sup> Para maiores detalhes sobre a discussão sobre a lacuna historiográfica referente ao estudo de cidades metropolitanas no âmbito da História Urbana consultar VIEGAS, Danielle Heberle. **Entre o(s) passado(s) e o(s) futuro(s) da cidade: um estudo sobre a urbanização de Canoas/RS (1929-1959)**. 2011. 184 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

Em relação a esse aspecto, um argumento a ser considerado é o de que as cidades capitais concentram grande parte das fontes de estudo próprias a essa categoria de investigação. Não à toa: houve um empenho maior tanto na produção de documentos oficiais, entre os quais, fotografias (utilizadas para consolidar políticas e ideologias dominantes por parte do Estado), quanto na sua conservação (preocupação anterior com a catalogação das fotografias em álbuns e seu resguardo em Arquivos Públicos).

Sendo assim, além de quesitos quantitativos, as revisões do estado de arte dos campos da **História Visual** e da **História Urbana** desvelam uma fissura historiográfica que pode ser manifestada no seguinte questionamento: onde estão os estudos sobre outras cidades, senão aquelas capitais submetidas às reformas urbanísticas no início do século XX, já tão registradas pelas lentes fotográficas e também pelos escritos historiográficos?

Essas reflexões iniciais legitimam o estudo de caso apresentado neste artigo, concentrado na cidade de Canoas/RS. À guisa de uma Introdução, refere-se ao tempo presente dessa urbe. O Município constitui-se, na atualidade, como uma referência dentro da Região Metropolitana de Porto Alegre; detém o segundo maior PIB do Rio Grande do Sul e é a quarta cidade mais populosa do Estado. Possui um expressivo parque industrial; é conhecido, ainda, devido à localização estratégica, por sua rede de serviços e por suas instituições de ensino.

Questão que se impõe diante desses dados, com naturalidade, é aquela que pergunta sobre o desenvolvimento da cidade. Canoas, afinal, apresenta uma trajetória peculiar de urbanização. Tem-se conhecimento que o povoado era conhecido nas primeiras décadas do século XX por sua natureza exuberante, onde a elite porto-alegrense costumava vir passar os finais de semana. Já a partir da década de 1950, Canoas destacou-se por abrigar em seu território grandes loteamentos residenciais. A partir de então, o Município assumiu uma verdadeira cruzada para tornar-se uma sede industrial.

Cabe questionar: o que a fotografia, em especial, pode revelar sobre esses contextos? E mais: quais os vestígios fotográficos disponíveis para a composição de um estudo que busque responder à indagação anterior? Encaminha-se, nesse sentido, uma pauta sobre o *corpus* documental selecionado para a realização do presente trabalho.

## **BUSCANDO VESTÍGIOS FOTOGRÁFICOS EM UMA CIDADE METROPOLITANA**

Com a intenção de localizar pistas para a composição de um trabalho de pesquisa sobre a cidade de Canoas baseado em fontes imagéticas, deu-se início a uma busca por fotografias no Arquivo Histórico<sup>6</sup> da cidade. Em consulta ao acervo fotográfico dessa instituição, inferiu-se a quase completa inexistência de referências autorais e temporais das fotografias. Além disso, as fotografias encontravam-se quase sempre desarticuladas de suas condições de produção e dos demais exemplares produzidos nas séries consultadas.

Tais imposições corroboraram a hipótese inicial de que as cidades metropolitanas são excluídas historiograficamente devido à dificuldade em se lidar com conjuntos de registros, lembrando ser esse item um pré-requisito essencial para um trabalho com fotografias, conforme ressalva Ana Maria Mauad,<sup>7</sup> estudiosa do assunto no Brasil. Diante dessa situação, a necessidade de se gerir alternativas metodológicas para o estabelecimento de um estudo histórico a partir de fotografias na cidade de Canoas fez-se latente.

Tão logo, foi cogitada uma pesquisa com fotorreportagens nos jornais da cidade:<sup>8</sup> os resultados foram igualmente inexpressivos entre as décadas de 1930 e 1950. Tal constatação, no entanto, não foi interpretada como um ponto de chegada, mas de partida. Dessa situação surgiu uma hipótese fundamental para a afirmação do problema de pesquisa que aqui está sendo articulado – referente às peculiaridades da produção, circulação e resguardo de fotografias em uma cidade metropolitana.

A primeira inferência foi a de que, ao contrário de grande parte das cidades capitais brasileiras que afirmaram seu ideal de modernização através das fotorreportagens em jornais da década de 1950,<sup>9</sup> a então incipiente Canoas – com seus

---

<sup>6</sup> Canoas possui somente um Arquivo Histórico Público que, atualmente, é designado como UPHAM (Unidade de Patrimônio Histórico, Arquivo e Museu da Prefeitura Municipal de Canoas). O setor existe há aproximadamente 20 anos.

<sup>7</sup> MAUAD, Ana Maria. Fotografia e História: possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.). **A Leitura de Imagens na Pesquisa Social: História, comunicação e Educação**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 19.

<sup>8</sup> Foram pesquisados os seguintes jornais: Década de 1950 - Correio de Canoas; A Tribuna; Canoas em marcha; Expressão; A Semana; Folha de Canoas; Gazeta de notícias; O Momento. Década de 1960 - A Luta; O gaúcho; A visão; Jornal do Vale; Opinião Pública; O Timoneiro. Década de 1970 - Jornal da cidade; O contato; Fato ilustrado.

<sup>9</sup> Nesse sentido, consultar MONTEIRO, Charles. Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas na década de 1950. **Revista Brasileira de História**, v. 27, 2007, p. 159-176.

loteamentos amplos com infraestrutura alguma – não veiculava fotografias nos jornais locais. Uma hipótese refletida foi a de que as fotografias não eram expostas para não confrontarem os anúncios que esses periódicos publicavam sobre a venda de terrenos e lotes no Município.

A partir dos anos de 1970, já na rota de industrialização e da urbanização vertiginosa, os jornais da cidade de Canoas passaram a utilizar a fotografia como instrumento mediador entre texto e realidade, chegando a existir, até mesmo, um periódico chamado **Fato Ilustrado**. Essas fotografias eram quase sempre atreladas a manchetes que enfatizavam os trabalhos realizados pelos governantes da cidade de Canoas.

Após essa breve trajetória de pesquisa em jornais e periódicos, optou-se por uma pesquisa em acervos institucionais e particulares da cidade de Canoas, ainda em busca de documentos fotográficos primários. Foram localizadas, então, algumas séries de fotografias no acervo do Museu e Arquivo Histórico La Salle (MAHLS),<sup>10</sup> dentre as quais duas foram elencadas como fontes de pesquisa. A primeira, datada da década de 1950; a segunda, produzida no final da década de 1970. As fotografias se reportam, portanto, a fase mais significativa de urbanização da cidade de Canoas.

Agregada a essa proposta, surgiu a possibilidade da incorporação de depoimentos orais<sup>11</sup> ao *corpus documental*, como medida enriquecedora dos indícios fornecidos pelas fotografias. Assim, o envolvimento com a História Oral não foi meramente de consulta, mas também de envolvimento e produção.

As breves considerações tecidas acima sobre as fontes de pesquisa utilizadas direcionam, naturalmente, para uma discussão de apontamentos teóricos e metodológicos basilares para a pesquisa. Adianta-se que os pressupostos enfatizados serão levados em conta menos com a intenção de firmar um olhar unilateral de pesquisa do que de entrar em contato com as diversas possibilidades que a fotografia oferece enquanto fonte de estudo para a História. Assim, a perspectiva teórica aplicada nesse estudo foi construída num diálogo entre autores, assim como a postura metodológica foi elaborada num diálogo com as fontes.

---

<sup>10</sup> Os fundos e coleções do MAHLS são focalizados na memória da presença Lassalista no Rio Grande do Sul e no Brasil, como também na história local da cidade de Canoas.

<sup>11</sup> As entrevistas foram realizadas e os colaboradores assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

## **CIDADE, FOTOGRAFIA E ORALIDADE: A CONSTITUIÇÃO DE UMA INTERLOCUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA**

A proposta de um estudo que relaciona temas como fotografia, oralidade e cidade exige a sistematização de uma série de questões que orientaram a formação do problema de pesquisa e a leitura crítica das fontes de investigação.

De imediato, destaca-se a problemática da fotografia diante da realidade histórica. Em relação a essa dimensão, vai-se ao encontro das ideias de Boris Kossoy, que diz que a fotografia estrutura o seu sentido tanto enquanto suporte material (documento) tanto quanto elaboração cultural (representação) de uma dada realidade específica, situada no espaço e no tempo.<sup>12</sup> Também a respeito da discussão entre fotografia e realidade, apropria-se da definição de Monteiro<sup>13</sup> que adota um posicionamento equilibrado sobre o conceito de fotografia, entendida nem como espelho, nem como desfiguração do real, mas como um indício do mesmo. A fotografia, no entanto, não é um indício simplificado que pode ser encarado como prova irrefutável da totalidade de um dado contexto. Um registro fotográfico caracteriza-se, antes, por ser um indício recortado de uma determinada realidade.<sup>14</sup>

Grande parte dos autores que discutem teoricamente as relações entre Fotografia e História<sup>15</sup> converge no sentido de investigar os diferentes elementos que envolvem a produções fotográficas em seus estudos, problematizando-as conforme seus focos de interesse. Os pontos de distanciamento entre os pesquisadores encontram-se na ênfase e na energia dispensada a cada um desses elementos. A fotografia, enquanto indício do real passa a oferecer, portanto, diversas possibilidades de questionar a

---

<sup>12</sup> KOSSOY, Boris. Construção e desmontagem do signo fotográfico. In: \_\_\_\_\_. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p. 19-62.

<sup>13</sup> MONTEIRO, Charles. Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas na década de 1950. **Revista Brasileira de História**, v. 27, 2007, p. 160.

<sup>14</sup> KOSSOY, 2002, op.cit.

<sup>15</sup> FABRIS, Annateresa. Discutindo a Imagem Fotográfica. In: **Fotografia Contemporânea**, 2007, p. 1-12. Disponível em: [www.fotografiacontemporanea.com.br](http://www.fotografiacontemporanea.com.br) Acesso em 13/05/2009; KOSSOY, 2002, op.cit; LEITE, Miriam Moreira. A imagem através das palavras. In: \_\_\_\_\_. **Retratos de família**. São Paulo: Edusp, 1992, p. 23-51; MAUAD, Ana Maria. Fotografia e História: possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social**. História, Comunicação e Educação. São Paulo: Cortez, 2004, p. 19-36.

realidade passada que se deseja reconstruir. A dúvida passa a ser a seguinte: como desconstruir uma fotografia em função de uma análise metodológica?

Também esse assunto é dominado por diversos autores,<sup>16</sup> entre os quais se confere destaque, novamente, a Kossoy, para quem a fotografia é formada por determinados componentes estruturais, que podem ser divididos em elementos constitutivos (assunto/tecnologia/fotógrafo) e coordenadas de situação (espaço/tempo).<sup>17</sup> Do autor em questão pode-se discutir, também, a ideia de que uma fotografia é constituída a partir da escolha de um assunto (recorte espacial) em um tempo específico (interrupção temporal). Nesse sentido, cabe lembrar as sugestões do pesquisador em relação às duas realidades presentes na fotografia.

A primeira realidade é a realidade do assunto em si, tomado em sua dimensão no passado. É a história particular do tema. Diz respeito, ainda, às técnicas que culminam com a gravação da aparência do assunto em um determinado momento. Está relacionada com a realidade interior, que é a história interna e oculta de uma imagem fotográfica.

Já a segunda realidade acontece a partir do momento em que a imagem é obtida. É a realidade fotográfica do documento. “É, pois, esse fato definitivo que ocorre na dimensão da imagem fotográfica, imutável documento visual da aparência do assunto selecionado no espaço e no tempo (durante a 1ª realidade)”.<sup>18</sup> Assim, para Kossoy, uma fotografia é uma transposição das realidades e das dimensões que comporta enquanto representação e documento, existindo um conflito entre o visível e não visível.

Em termos metodológicos, buscar-se-á um diálogo com outros pesquisadores, tais como Lima e Carvalho<sup>19</sup> que trazem contribuições através de uma série de padrões e instrumentos de análise fotográfica em seus estudos sobre álbuns de São Paulo. Igualmente, reporta-se às contribuições de Leite<sup>20</sup> e, especialmente, Mauad,<sup>21</sup> que

---

<sup>16</sup> MAUAD, Ana Maria Fotografia e História: possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social**. História, Comunicação e Educação. São Paulo: Cortez, 2004, p. 19-36; LEITE, Miriam Moreira. A imagem através das palavras. In: \_\_\_\_\_. **Retratos de família**. São Paulo: Edusp, 1992, p. 23-51.

<sup>17</sup> KOSSOY, Boris. Construção e desmontagem do signo fotográfico. In: \_\_\_\_\_. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p. 27.

<sup>18</sup> Ibid., p. 37.

<sup>19</sup> LIMA, Solange F. de; CARVALHO, Vânia C. de. **Fotografia e Cidade: da razão urbana à lógica de consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954**. Campinas: Mercado de Letras, 1997, 272 p.

<sup>20</sup> LEITE, 1992, op. cit.

orienta pontos específicos de análise em fontes fotográficas em relação às opções técnicas e estéticas feitas pelos fotógrafos tais como o tamanho, o formato, o suporte, o enquadramento.

Quanto ao cruzamento de documentos fotográficos e orais, destacam-se as palavras de Olga von Simson, que declara: “a associação entre imagem e memória vem sendo explorada, permitindo o trabalho com relatos do passado para a recuperação de dados de pesquisa não registrados de outra maneira”.<sup>22</sup> Esse parece ser o caso de Canoas, cidade marcada pela descontinuidade e escassez documental. Segundo Penna:

um olhar sobre a cidade informa que ela se constituiu em um dos maiores aglomerados urbanos do Rio Grande do Sul. Sua velocidade de transformação é vertiginosa; se desenvolve sobre si mesmo dia após dia. Nesse processo de substituição desaparecem muitos testemunhos físicos de sua história.<sup>23</sup>

A associação entre depoimentos orais e fotografias não deve, entretanto, ser tratada de uma forma simplista, tampouco negligenciada ao ponto de uma fonte servir de mera ilustração para o outro. Busca-se, antes, perceber quais problematizações podem ser resultantes das informações obtidas exclusivamente através de relatos orais para o estudo das fotografias.

Outras concepções teóricas que orientaram esse estudo de caso dizem respeito a escolha de uma cidade específica como objeto de estudo. Nesse sentido, Heliana Salgueiro, baseada pelas teorizações de Bernard Lepetit<sup>24</sup> comenta que “os critérios do urbano dependem não só da política administrativa ou da prosperidade econômica, mas dos conceitos de apreensão do lugar por parte dos habitantes”. Ora, essa afirmação oferece subsídios bastante adequados esse trabalho, que lida com a memória e a apreensão de uma determinada localidade a partir de registros fotográficos e orais produzidos por alguns de seus moradores, o que permite estabelecer uma série de cruzamentos.

---

<sup>21</sup> MAUAD, Ana Maria. Fotografia e História: possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social**. História, Comunicação e Educação. São Paulo: Cortez, 2004, p. 28.

<sup>22</sup> SIMSON apud GRAEBIN, Cleusa; PENNA, R.; SABALLA, V. De cidade dormitório a cidade industrial: memórias e imagens da urbanização de Canoas. **III Simpósio Nacional de História Cultural: mundos da imagem do texto ao visual**, 2006, Florianópolis. Anais do III Simpósio Nacional de História Cultural, Florianópolis, 2006, p. 01-10. (Anais Eletrônicos).

<sup>23</sup> Lembro; logo, existo: descobrindo a cidade e a História Oral. **La Salle: Revista de Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v.3, n.1, p. 65-76, mar. 1998, p. 67.

<sup>24</sup> LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. São Paulo: Ed. da USP, 2001, p. 25.

Uma vez posto tais esclarecimentos teóricos e metodológicos, parte-se para uma análise pontual das fontes de pesquisa elencadas e para a apresentação das considerações finais sobre o estudo de caso aqui compartilhado.

## **A CIDADE EM FOCO: IMAGENS E RELATOS SOBRE A URBANIZAÇÃO DE CANOAS NAS DÉCADAS DE 1950 E 1970**

As coisas das quais nos ocupamos na fotografia estão em constante desaparecimento e, uma vez consumado, não dispomos de qualquer recurso capaz de fazê-las reaparecer.<sup>25</sup>

A frase do fotógrafo Henry Cartier-Bresson é significativa para dar-se início a análise das fotografias selecionadas para o estudo de caso aqui compartilhado. É que, por alguns instantes, parece que Irmão Henrique Justo – um dos autores das fotografias trabalhadas nesse artigo-, estivesse se ocupando de registrar coisas que um futuro que próximo destruiria, tal como a paisagem da cidade de Canoas vista por ele do alto da torre da Igreja Matriz no início da longínqua década de 1950. Por outro lado, Hélio Luiz Konzen – autor do segundo conjunto de fotografias aqui considerado – talvez tenha imaginado que os registros feitos pelas lentes de sua máquina fotográfica no final da década de 1970 fizessem reaparecer dimensões e esferas já pertencentes somente aos domínios da memória.

E assim as duas séries fotográficas<sup>26</sup> tomadas como fontes de pesquisa para esse estudo são apresentadas: a primeira, feita a partir do olhar de um religioso na década de 1950; a segunda, a partir de um estudante de arquitetura na década de 1970. Tratam-se de dois fotógrafos amadores, descritos por Monteiro como “sujeitos sem formação específica e que fotografavam visando uma circulação doméstica restrita”.<sup>27</sup> Suas fotografias, no entanto, podem ser compreendidas como aspectos da memória que instituíram em relação à cidade de Canoas. Para Sandra Pesavento:

(...) a História da imagem urbana contém um relato das formas de sentir, ver e sonhar a cidade (...). O que é interessante de verificar, em termos de identidade e memória, é que, por vezes, essa figuração

<sup>25</sup> BRESSON apud LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**. São Paulo: Edusp, 1992, p. 36.

<sup>26</sup> Todas as imagens reproduzidas neste artigo fazem parte do acervo fotográfico do Museu e Arquivo Histórico La Salle (MAHLS). As normas da instituição permitem a reprodução das fotografias para fins de pesquisa e publicação.

<sup>27</sup> MONTEIRO, Charles. Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas na década de 1950. **Revista Brasileira de História**, v. 27, p. 159-176, 2007, p. 164.

imagética da cidade pode predominar, com os seus sentidos subjacentes, à cidade concreta habitada pelos homens.<sup>28</sup>

José Arvedo Flach nasceu na cidade de Poço das Antas, em 1922. Estabeleceu-se em Canoas em 1934, às vésperas da Emancipação da cidade, que ocorreu em 1939. Diferencia-se de grande parte das pessoas que elegeram Canoas como moradia naquela década por não ter procurado a cidade como uma alternativa de moradia mais acessível ou mesmo como um novo local de trabalho. José direcionou-se para Canoas em função de seu ingresso no Seminário. Desde então, é conhecido pelo nome que elegeu como Irmão Lassalista – Henrique Justo. Notável pela intelectualidade adquirida após anos de estudo no Brasil e no Exterior, tornou-se Professor Livre-Docente nas áreas da Psicologia e da Pedagogia.

Antes de partir para o mundo e, depois, para Porto Alegre, onde residiu por muitos anos, Irmão Henrique Justo instituiu o seu legado sobre Canoas que, entre outros aspectos, envolveu a produção de uma série fotográfica sobre a cidade. Segundo consta, o modelo de máquina fotográfica utilizada por ele para produzir um conjunto de 12 fotografias, do tamanho 6 x 9 cm, de tonalidade preta e branca, foi uma câmera *Rolleiflex*.<sup>29</sup> Segundo o autor, as imagens foram reveladas no Estúdio Bergmann,<sup>30</sup> localizado no centro da cidade de Porto Alegre à época.

Já o segundo conjunto fotográfico é de autoria de Hélio Luiz Konzen, funcionário do Centro Universitário La Salle, na época estudante de Arquitetura e Urbanismo, hoje aposentado. Segundo o autor, as fotografias foram elaboradas no final da década de 1970, aproximadamente em 1978. As fotografias são de formato 8,5 x 12,5 cm, de tonalidade preta e branca e foram produzidas por uma câmera da marca Pentax, sendo possivelmente o modelo Pentax SLR K-1000. Uma particularidade da produção dessas fotografias foi a utilização de lentes grande angulares, uma escolha pessoal do próprio fotógrafo. Não é somente o tempo que separa tais fotógrafos: entre aí a questão códigos culturais próprios a cada, além de questões inerentes à época em que estavam vivendo e, sobretudo, quais os seus objetivos ao registrar a cidade de Canoas através de fotografias.

---

<sup>28</sup> PESAVENTO, Sandra. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris – Rio de Janeiro – Porto Alegre. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002, p. 15.

<sup>29</sup> Tomam-se por base os negativos localizados junto às fotografias originais. Acervo MAHLS.

<sup>30</sup> Segundo o Irmão Henrique Justo, o Estúdio Bergmann ficava localizado na Rua Marechal Floriano, no centro da cidade de Porto Alegre.

Em busca de articulações entre as produções fotográficas, pode-se citar uma série de questionamentos que alicerçam a problemática de pesquisa: o que as fotografias têm a nos dizer sobre a urbanização da cidade de Canoas? Como e por que essas fontes foram constituídas? Por quem e para quem foram realizadas? Quais as intencionalidades presentes no índice fotográfico? Qual imagem e/ou repercussão deseja-se passar da cidade de Canoas? Quais as regiões da cidade mais registradas nos conjuntos de fotografias? A partir de quais ângulos? O que as fotografias estão privilegiando? Como estão privilegiando? Quais os elementos mais presentes nas fotografias? O que as fotografias não estão mostrando?

Para dar conta dessa problemática desempenhou-se uma metodologia de análise fundamentada no trabalho de Lima e Carvalho,<sup>31</sup> onde se buscou identificar e nomear alguns padrões de visualidade entre os agrupamentos fotográficos, apropriando-se do vocabulário de descritores formais e icônicos sugeridos pelas autoras. Ressalta-se que os dois conjuntos fotográficos serão entendidos tanto dentro de sua referência serial, quanto a partir de uma inter-relação entre si. Nesse sentido, algumas visualizações<sup>32</sup> são compartilhadas, sendo que algumas delas estão associadas às descrições<sup>33</sup> feitas por Irmão Henrique Justo, autor das fotografias mais antigas expostas.



“Essa é em direção oeste. Direção do Rio dos Sinos, do alto da torre também. É a Rua Coronel Vicente e de algumas casas de particulares. Bem diferente de hoje. Muito diferente. Realmente havia muita vegetação no meio das casas.”

**Figura 1:** JUSTO, Henrique. Vista do alto da torre da Igreja Matriz de Canoas, 1952. Acervo MAHLS

<sup>31</sup> LIMA, Solange F. de; CARVALHO, Vânia C. de. **Fotografia e Cidade:** da razão urbana à lógica de consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954. Campinas: Mercado de Letras, 1997, 272 p.

<sup>32</sup> Em função do espaço de exposição desse estudo de caso, restrito a um artigo, optou-se por selecionar somente algumas amostras dos conjuntos fotográficos localizados.

<sup>33</sup> Descrições obtidas através de depoimento oral, produzido no dia 12 de junho de 2009, no Centro Universitário La Salle, com duração de 30 minutos. Entrevista à Danielle Heberle Viegas. O colaborador assinou Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).



**Figura 2:** JUSTO, Henrique. Vista da zona sudeste de Canoas, obtida alto da torre da Igreja Matriz de Canoas, 1952. Acervo MAHLS

“Com a população aumentando, é claro que o comércio precisa ampliar, é uma coisa recíproca. Vê-se ali o Café Imperial, o grande prédio, o maior prédio depois do La Salle no centro e, aqui [canto inferior direito] a grande casa comercial de Canoas, a Casa Vargas, que foi destruída num incêndio.”



**Figura 3:** JUSTO, Henrique. Vista do Centro de Canoas, obtida alto da torre da Igreja Matriz de Canoas, 1952. Acervo MAHLS

“Na direção sul-sudeste. Então aqui [índice de fumaça no canto superior direito] é a Fábrica de Vidros. Vê-se as construções como eram naquela época quase todas de madeira, todas de um piso só, muito arvoredo no meio, muita vegetação no meio. Ali, parte da base aérea e o V Comar. No fundo Porto Alegre.”

Para identificar o contexto registrado nas fotografias, ninguém é mais adequado do que o próprio fotógrafo, Irmão Henrique Justo, que relata como se desenrolou o processo de produção dessas fotografias e algumas de suas motivações pessoais em realizar o ato fotográfico:

Eu queria registrar para a história. E eu tinha essa preocupação. Estavam pintando a torre da igreja, tinha os andaimes e vi que era um conhecido meu que estava fazendo a pintura da torre e aí pensei que fosse bom de subir e ter acesso às várias direções da cidade. Então falei com ele, ele autorizou, subi e tirei as fotos.<sup>34</sup>

Se tomarmos por base as perspectivas ressaltadas por alguns estudiosos da urbanização brasileira através fotografia, é bem possível que essas três primeiras

<sup>34</sup> Depoimento cedido através de entrevista produzida no dia 12 de junho de 2009, no Centro Universitário La Salle, com duração de 30 minutos. Entrevista à Danielle Heberle Viegas.

imagens em destaque correspondessem mais a descrição de Lima e Carvalho sobre São Paulo no início do século XX do que a uma cidade metropolitana da década de 1950.

Segundo as autoras:

(...) as ruas e avenidas são valorizadas como o tema da circulação urbana. (...) Pessoas e veículos, bem como edificações são complementos que não chegam a obliterar a concretude quase palpável do espaço viário.<sup>35</sup>

Em termos de padrões, as fotos indicadas podem ser classificadas como vistas panorâmicas, de padrão paisagístico urbano. Suas características remetem às das fotografias do início do século XX, onde os recursos de estabilidade tais como a linha do horizonte que ocupa a parte superior da fotografia, marcando uma divisão equitativa entre céu e terra. A perspectiva privilegiada é a da câmera alta, que denota um plano formal e com pouca distorção. Além disso, nota-se a ausência de transeuntes, automóveis e qualquer tipo de circulação e/ou mobilidade urbana, outro fator incomum para fotografias da década de 1950.

Lembra-se, ainda, que tais fotografias foram tiradas em somente direção ao centro de Canoas. Embora o espaço da torre da Igreja permita captar múltiplos ângulos, o foco das imagens é a expansão dessa área central da cidade, mesmo que em Canoas esse processo fosse ainda tão incipiente no início da segunda metade do século XX.

No momento que se registra o interesse pelo centro – e por sua verticalidade e índices de progresso, legitima-se juntamente o desinteresse pelas outras regiões da cidade. Elas existem – mas talvez não para um fotógrafo seminarista que passou a viver desde os 12 anos em um instituto religioso localizado no coração do centro de Canoas.

Mas o que as lentes fotográficas de Irmão Justo não captaram, a memória de outro Irmão Lassalista resguardou. Ir. Norberto Nesello, 80 anos, através de uma narrativa oral revelou o contexto da época:

Eu diria que não se circulava pelos bairros, pois um seminarista não era muito de circular. Depois dos anos cinquenta (1950) quando eu comecei a lecionar, aí comecei a dar voltas mais para os bairros. Conheci Niterói, que já estava começando a ser urbanizado nos anos trinta e cinco (1935), trinta e seis (1936), com ruas bem traçadas e por diante. O Harmonia que vem lá pelos anos cinquenta (1950), que era um arrozal. O Mathias Velho ainda era um arrozal, começou a ser povoado também. A São Luiz e o Guajuviras começaram mais aí

---

<sup>35</sup> LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografia e Cidade: da razão urbana à lógica de consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954.** Campinas: Mercado de Letras, 1997, p. 154.

pelos anos setenta (1970), oitenta (1980), graças a uma onda de migração importante de pessoal que vem do interior. Os terrenos eram baratos, preços favoráveis, então muita gente se estabeleceu.<sup>36</sup>

O depoimento acima descortina alguns micro-aspectos da realidade passada não contemplados pela fotografia. Além disso, ilumina o começo de um futuro próximo para a cidade de Canoas, iniciado a partir de múltiplas transformações nos espaços periféricos da cidade. Questiona-se, então, o que o segundo conjunto de fotografias, produzido na década de 1970, tem a desvelar sobre as mudanças iniciadas no depoimento oral?



**Figura 4:** KOZEN, Hélio Luiz. Vista sobre o Calçadão de Canoas, 1978. Acervo MAHLS.



**Figura 5:** KOZEN, Hélio Luiz. Vista sobre os trilhos da Linha Férrea de Canoas (atual Trensurb), 1978. Acervo MAHLS.

<sup>36</sup> Depoimento oral concedido no dia 19 de junho de 2009, com duração de 1h e 30 minutos, realizado nas dependências do Centro Universitário La Salle. Entrevista à Danielle Heberle Viegas. O colaborador assinou Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A mudança de perspectiva mais notável em relação ao conjunto de fotografias de 1952 refere-se ao padrão, que não é mais paisagístico, mas sim de circulação urbana, uma vez enfatizou-se transeuntes, automóveis e outros componentes que dão mobilidade aos espaços da cidade. Também o ângulo é alterado na maioria das fotografias, de câmera alta para câmera baixa, onde o fotógrafo se “insere” na paisagem que está construindo com sua câmera. As vistas são parciais, ou seja, restritas a algumas partes da malha urbana, muitas vezes, sem a contextualização dos motivos retratados.

Também as motivações pessoais dos fotógrafos são diferentes. Enquanto Irmão Henrique Justo adotou uma postura independente para produzir suas fotografias, ao tomar uma câmera emprestada de um dos então fotógrafos oficiais do Instituto São José, Senhores Ir. Albânio Constâncio e Ir. Hatto Hirsch,<sup>37</sup> Hélio Luiz Konzen produziu o seu conjunto de fotos em função de um trabalho de pesquisa para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, que cursava na época. Logo, o seu olhar estará diferentemente direcionado.

Uma interessante coincidência demonstra mais claramente os diferentes olhares, motivações e bagagens culturais em jogo na produção dos dois álbuns em destaque nesse estudo de caso. Foram identificadas quatro fotografias (duas de cada álbum), obtidas a partir do mesmo local. Por mais que uma comparação direta entre essas fotografias ocorra em riscos, pensa-se ser fundamental esse paralelo que evidencia as diferenças não só entre contextos, mas também entre fotógrafos.



“Aqui então é o La Salle, como ficou na reforma e ampliação de 1937 a 1939. Aparece melhor o ‘Château’, uma mansão particular que os irmãos compraram. Canoas era uma cidade de veraneio. As pessoas vinham de Porto Alegre de trem, que ia de manhã e voltava à tarde, e passavam aqui o dia no seu sítio. (...) Não havia prédios, as casas da rua eram todas de madeira.”

**Figura 6:** JUSTO, Henrique. Vista do alto da torre da Igreja Matriz de Canoas em direção ao Instituto São José (atual Unilasalle), 1952. Acervo MAHLS.

<sup>37</sup> Consta que existia nas dependências do então Instituto São José, atual Colégio e Faculdades La Salle, um Laboratório de revelação de fotografias. O espaço era anexado ao chamado *Château*, apelido conferido a um dos prédios utilizados pelos Irmãos Lassalistas.



**Figura 7:** KOZEN, Hélio Luiz. Vista do alto da torre da Igreja Matriz de Canoas em direção a Praça da Bandeira, 1978. Acervo MAHLS.

As figuras números 6 e 7 foram ambas tiradas a partir da torre da Igreja de São Luiz Gonzaga, a paróquia matriz da cidade de Canoas. Ela está localizada na área central da cidade, em frente à chamada Praça de Bandeira. Um ponto interessante de análise entre as duas fotografias destacadas é o fato de que mesmo tendo a mesma vista diante dos olhos, cada um dos fotógrafos enfocou referentes distintos em suas produções. Enquanto Ir. Justo posicionou sua lente em direção ao imponente Instituto São José – seu local de trabalho e habitação – Kozen registrou a ordenação urbana presente na arquitetura das trilhas que fazem a Praça da Bandeira, em consonância com sua área de formação profissional. Aí se percebe, claramente, a influência do fotógrafo e sua bagagem cultural no momento exato de construção da fotografia.

Já as figuras números 8 e 9, expostas logo abaixo, revelam uma mesma coordenada espacial. Tais fotos registram profundamente a explosão urbana ocorrida na cidade de Canoas durante as décadas de 1960 e 1970. A substituição direta de casas residenciais simples por amplos prédios comerciais e áreas loteadas demonstram bem essa questão.



“Essa aqui é direção sul diretamente, do auto do La Salle. Ali a Rua Muck, em primeiro plano as casas, todas de madeira, com bastantes terrenos baldios também. Aqui o Cinema que funcionava perto da Casa Vargas, era um grande armazém, como se dizia na época, “secos e molhados”, havia de tudo, uma espécie de shopping em miniatura”.

**Figura 8:** JUSTO, Henrique. Vista da janela de um dos prédios do Instituto São José, 1952. Acervo MAHLS.



**Figura 9:** KOZEN, Hélio Luiz. Vista da janela de um dos prédios do Instituto São José, 1978. Acervo MAHLS.

Em um último lance, encerra-se refletindo sobre as questões levantadas ao longo deste artigo, prestando-se atenção, mais uma vez, às fotografias compartilhadas. Tem-se em conta, especialmente, os possíveis investimentos historiográficos que podem ser realizados a partir de sua análise específica.



### CONSIDERAÇÕES FINAIS

[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

O desenvolvimento do estudo de caso comunicado através deste artigo permitiu o estabelecimento de algumas inferências constituídas no limiar entre os campos do saber que relacionam Fotografia, História e Cidade, tais como a História Visual, a História Urbana e a História Oral. Tais inferências estão investidas por questões interdisciplinares que podem ser não somente teoricamente discutidas, mas metodologicamente aplicadas, como medidas de enriquecimento de problemas de pesquisa específicos.

Esse foi o caso do trabalho em questão e de muitos outros que, diante da escassez de documentação escrita disponível, são impelidos a compor um conjunto documental mais diversificado. Nesse ponto a oralidade e a fotografia se encontram e, após décadas sendo exploradas apenas como fontes alternativas ou ilustrativas, assumem um papel de protagonistas, ao serem unidas na tentativa de reconstruções históricas mais aprimoradas sobre a urbanização das cidades brasileiras.

Dessa forma, a emergência de reflexões sobre a prática do ato fotográfico em uma cidade metropolitana do Sul do Brasil durante o seu processo de urbanização

possibilitou, além do suprimento parcial da lacuna historiográfica existente em relação a esse objeto de estudo, o levantamento de algumas reflexões específicas. A principal delas refere-se à percepção das distintas temporalidades que o processo de urbanização assumiu no Brasil, usualmente notado a partir de um ângulo unilateral, baseado nas investigações sobre cidades capitais, reformadas sucessivamente ao longo do século XX.

Ora, através do presente estudo de caso e, principalmente, através do uso da fotografia como uma fonte de pesquisa, pode-se inferir que o processo de urbanização da cidade de Canoas foi adverso daquele que usualmente descreve as etapas da transformação urbana de cidades capitais. Canoas não foi reformada: já nasceu sob o signo da urbanização: emancipou-se em 1939 e, na década de 1950, já constava como a cidade que possuía alguns dos maiores loteamentos do Rio Grande do Sul. A reflexão acerca dessa temporalidade diferenciada é encaminhadora de estudos comparativos entre cidades metropolitanas brasileiras e sul-rio-grandenses, usualmente interpretadas como um mero desdobramento das capitais.

Cadenciada por outro ritmo, a dinâmica de urbanização cidades metropolitanas resguardam particularidades perante as grandes metrópoles e também entre si. Possibilitou-se, portanto, que Canoas seja interpretada, a partir de suas semelhanças, mas também a partir de suas diferenças em relação a outras cidades metropolitanas brasileiras.

A utilização de depoimentos orais, por sua vez, construiu uma nova categorização às fotografias que, uma vez investidas dos significados que seus autores desejaram conferir a elas, ganharam outro estatuto, senão aquele que o historiador atribuiria a elas. Por outro lado, deve ser mencionada uma possível armadilha tramada na associação entre fotografias e depoimentos orais, que é a redução das possibilidades de análise das fotos, dado o natural condicionamento causado pelas informações cedidas através das entrevistas. Nesse trabalho, procurou-se reduzir esses riscos, adotando-se metodologia sugerida por autores como Kossoy<sup>38</sup> e Mauad,<sup>39</sup> ao passo que empenhou-se, também, em valorizar a formação profissional e pessoal dos fotógrafos em questão.

---

<sup>38</sup> KOSSOY, Boris. Construção e desmontagem do signo fotográfico. In: \_\_\_\_\_. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p. 19-62.

<sup>39</sup> MAUAD, Ana Maria. Fotografia e História: possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social**. História, Comunicação e Educação. São Paulo: Cortez, 2004, p. 19-36.

Por outro lado, a tentativa de se identificar minimamente outras temporalidades evidenciou os desníveis que podem ocorrer entre formas econômicas, culturais e sociais em uma cidade; constatou-se que a Canoas da década de 1960 detinha a terceira maior densidade populacional do Estado, embora não possuísse recursos econômicos que amparassem a sua população. De mesma forma, a cidade que contava com a circulação de alguns periódicos semanais em idos de 1950, não se valia da utilização de fotografias como meio de propaganda, devido ao caráter de denúncia que essas teriam no contexto.

A urbanização de Canoas não foi registrada ou divulgada pelo poder público até a década de 1960; tal fator abriu precedentes para uma reflexão sobre as condições especiais da constituição de documentos históricos referentes a essa cidade no período aqui contemplado. Trata-se de uma cidade que não sofreu nenhum processo de especialização funcional; a urbanização do Município foi realizada por iniciativa de sociedades territoriais particulares. Assim, o caráter de urbanização de Canoas não envolveu a produção de símbolos e patrimônios públicos, dissociando a cidade de qualquer caráter de monumentalização e possível alvo da fotografia oficial de Estado. Nesse sentido, a atenção voltada sobre as omissões documentais foi um componente essencial na produção do presente problema de pesquisa, sob pena de não excluírem-se possíveis facetas interessantes dessa dinâmica. Pode-se cogitar, também, como o tipo de urbanização específica a que Canoas esteve submetida — dominada pelo âmbito privado e pela dispersão — esteve relacionado com o processo de construção de memória, de história e de identidade cidadina, inclusive pelas fotografias.

Quanto às tentativas de leituras realizadas a partir das fontes imagéticas, evidenciou-se o privilégio concedido à área central da cidade nos dois conjuntos de fotos analisados, embora a partir de ângulos, perspectivas e motivações diferentes. A conclusão elaborada sobre esse episódio é a de que há uma intencionalidade em reduzir à cidade ao seu centro, devido ao caráter usualmente moderno e desenvolvimentista que essa área assumiu perante os demais loteamentos da cidade, conhecido como “bairros-operários” ou “bairros-dormitório”. A fotografia, enquanto suporte de elaboração da memória, prestou-se a ser referência tanto no passado (ao “salvar” determinadas paisagens), quanto no presente (ao servir de fonte de comparação) para ambos os fotógrafos.

Mas o que não se vê é igualmente fundamental, lembrando a problemática sobre o visível e o invisível citada ao longo desse texto; nesse ponto, mais uma vez, o

cruzamento entre fotografias e fontes orais se fez profícuo, pois o que as lentes não registraram a narrativa oral, por vezes, revelou. Ampliou-se, assim, o conhecimento de um cotidiano não presente em outras análises historiográficas disponíveis sobre a cidade de Canoas; igualmente, conjeturou-se uma colaboração para a diversificação de estudos sobre História Urbana, especialmente no que tange às cidades metropolitanas.



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

**ARTIGO RECEBIDO EM 20 DE OUTUBRO DE 2011. APROVADO EM 15 DE JANEIRO DE 2012**